



# Na ponta do lápis, como se toca uma fazenda

Considerada desde a década de 60 uma das propriedades mais produtivas do Estado de São Paulo, a Fazenda Santana do Baguassu, a 20 quilômetros de Pirassununga, continua a manter, em plena época "de crise", um crescimento nem um pouco imprevisível. A policultura e uma administração "na ponta do lápis" - ou no disquete do computador - foram as providências tomadas para se chegar a esta estabilidade.

Embora antiga, a fazenda não está fechada a inovações. Em seus mais de 1.240 hectares de terra roxa mostra algo novo em cada cultura, desde a introdução da recente e cara irrigação por jato pulsante no café e laranja até um sistema kamikaze (suicida) de cultivo de seringueira e café. O proprietário da fazenda também é uma pessoa singular: um baixinho meio careca chamado José Gomes da Silva, agrônomo que já foi presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra - e taxado de comunista porque defendia desapropriações de terras improdutivas para fins de reforma agrária.

Quando foi comprada, em 1959, a Fazenda Santana do Baguassu, em Pirassununga/SP, não tinha nada além de enormes voçorocas formadas pela erosão. Os primeiros dois anos foram gastos praticamente na correção da terra, roxa, boa para o plantio, mas totalmente descuidada. As voçorocas foram cobertas e a terra revigorada pela calagem e adubação.

Com a introdução da policultura, além de café a fazenda passou a produzir também muita cana, afinal a menos de um quilômetro da sede havia — e há — uma usina que pagava um bom preço pela tonelada. O transporte sairia barato e mais caminhões e tratores foram comprados.

Mesmo com todos os progressos, Gomes da Silva mostra que "nem tudo é poesia". Um ano e meio após a compra da fazenda, as voçorocas voltaram a dar o ar de sua desgraça por causa de alguns dias de chuva forte. Em 66, uma chuva de granizo destruiu boa parte da cana e cortou a copa de uma palmeira baguassu, o símbolo da fazenda.

Caso fosse supersticioso, Gomes da

Silva poderia acreditar que a morte da palmeira seria prenúncio do fim da fazenda. Ao contrário, ele se lançou à recuperação da terra. Conta que também desta vez a policultura conseguiu desviar a rota de desastre em que a fazenda havia entrado, porque o café estava de bom preço na época. E assim tem sido: quando o preço ou o tempo não ajudam uma cultura, o mercado fica bom — ou pelo menos estável — para outra.

### Genipapo e cabeludinha

Algo de novo em cada atividade. Além da boa administração e produção que caracterizam a fazenda Santana do Baguassu, perto de Pirassununga, a 260 quilômetros de São Paulo, mostrar uma novidade no trabalho — e lazer — da fazenda parecem ser a prioridade do proprietário, o engenheiro agrônomo José Gomes da Silva. A novidade mantém o lugar sempre movimentado e leva-o um pouco distante da monotonia que geralmente existe nas fazendas antigas.

Numa volta de pouco mais de duas horas pela fazenda — é possível ter uma idéia do trabalho desenvolvido. Bom é começar pelo pomar, perto da sede e

plantado em perspectiva. Árvores pequenas primeiro, médias e grandes. Os pés também são plantados em três blocos: frutas de clima temperado, tropical e indígena. A idéia é conseguir produção de frutas durante o ano inteiro. Maças convivem de maneira amistosa com genipapos, nêspersas e cabeludinhas, fruta indígena. Num bloco separado, existem plantas utilizadas em tempero culinário como cravo da Índia, colorau e pimenta do reino. Tudo para consumo próprio.

Enquanto o sol "quara" — branqueia — a roupa estendida na grama da sede, Gomes da Silva usa uma jaboticabeira para mostrar que gosta do lugar. "É o símbolo da estabilidade. Quando uma pessoa não quer mais se mudar, planta uma jaboticabeira, porque ela demora de 10 a 15 anos para produzir".

Na beira da estrada que antigamente dava acesso à fazenda, há muitos pequenos baguassu plantados. As palmeiras vão demorar para crescer e "se" José explica que aquela rua era famosa no passado. Chamava "Avenida Baguassu" e já recebeu "gente influente"

que visitava o "coronel". Está sendo reconstituída. No outro lado da rua, touceiras de erva-cidreira escondem condutores de água de seis polegadas que servem o lugar. A água é puxada por motor até o ponto mais alto e distribuída por gravidade às culturas.

Para o manejo dos duzentos mil pés de café da fazenda foram introduzidos, além dos cuidados tradicionais — pulverização contra o bicho-mineiro e a ferrugem — técnicas relativamente novas como o plantio de uma área bem separada da outra, em lugar diferente, "porque dificilmente uma geada atingiria, por exemplo, dois locais ao mesmo tempo". Pés de café velho — com mais de 28 anos — estão sendo cortados. Embora demore mais tempo para o novo pé crescer, a produção depois dos primeiros anos será pelo menos três vezes maior à do pé antigo.

### Cultura suicida

Duzentos metros defronte ao casa-rão da fazenda, Gomes da Silva apresenta seu "sistema kamikaze". Entre as ruas que marcam trinta hectares de café Mundo Novo, pouco mais de uma